

A amizade de Freud e Fliess e a produção do pensamento psicanalítico: dimensão criativa e política

Freud and Fliess's friendship and the engendering of the psychoanalytic theory: creative and political dimensions

Joana Sampaio Primo (PUC-SP)¹
Miriam Debieux Rosa (USP)²

Resumo: O presente artigo visa articular o pensamento clínico produzido pela correspondência entre Freud e Fliess com a dimensão política das amizades. Para tanto, analisaremos as cartas de Freud a Fliess como uma troca que privilegiou o encontro com a alteridade, possibilitando a circulação de novas ideias e concepções. Remetendo-nos à criação da então controversa psicanálise, podemos afirmar que a correspondência de Freud a Fliess constituiu um espaço político, entre o público e o privado, espaço em que a alteridade, aqui expressa como uma relação de amizade, esteve a serviço da produção de novos saberes. As amizades configuram-se como uma dimensão que permite a construção do que podemos chamar de domínio comum: um mundo comum (Arendt, 2010). Defendemos que a correspondência de Freud a Fliess constituiu-se num espaço em que a alteridade pôde sustentar um campo político e fértil de reflexões, o que possibilitou a criação da, então controversa, psicanálise.

Palavras-chave: Amizade, Correspondência Freud-Fliess, Política, Pensamento, Psicanálise.

Abstract: The present article aims to articulate the clinical thinking produced by the correspondence between Freud and Fliess with the political dimension of the privileged the encounter with otherness, allowing the circulation of new ideas and conceptions. Referring to the creation of the controversial psychoanalysis, we can affirm that Freud's correspondence with Fliess opened up a political space between the public and the private, one in which otherness, expressed here as a relation of friendship, was a site for the production of new knowledges. Friendships are configured as a space dimension that enables the construction of what we can call common domain: the common world (Arendt, 2010). We argue that Freud's correspondence with Fliess was constituted as a space where otherness was a site for the production of new learnings, and also as a friendships. To that end, we analyze Freud's letters to Fliess as an exchange that political space, which made the creation of the then debatable psychoanalysis possible.

Keywords: Friendship, Freud-Fliess correspondence, Politics, Thought, Psychoanalysis.

¹ Graduada pelo Instituto de Psicologia da USP e mestre em Psicologia Social pela PUC-SP. Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade, coordenado pela professora livre-docente Miriam Debieux Rosa. Email: joanaprime@gmail.com.

² Professora Associada do Programa de Psicologia Clínica da USP, onde coordena o Laboratório Psicanálise e Sociedade. Autora de livros e artigos, dentre eles o *A clínica psicanalítica face ao sofrimento sócio-político* (2016), pela Ed. Escuta e Fapesp.

Introdução

A amizade, uma prática corriqueira, é uma modalidade relacional que já foi e continua sendo objeto de estudos e de problematizações no interior da Filosofia, das Ciências Sociais e da Psicologia. O interesse por esse tipo de relação recai tanto nos diferentes modos de vivenciá-la ao longo da história como nos diferentes discursos sobre esta, os quais, muitas vezes, a afirmam enquanto uma relação com afinidade política.

Em linhas gerais, identificamos a amizade como uma prática e um discurso que muitas vezes não são coincidentes, podendo ser um tipo de relacionamento capaz de colocar resistências a seu tempo seja no modo de vivenciá-la ou na possibilidade de compor um campo propício ao pensamento, um campo de produção (Primo, 2015). Atrelada à alteridade, a amizade pode possibilitar a criação de outros modos de pensar e de estar no mundo, nos quais ela se torna um experimento social e cultural plausível para a construção de utopias (Rosa, Vicentin & Catroli, 2009).

Por se caracterizarem como um espaço de constante construção de si, de mundos e de repetições do que vivemos, as amizades se sobressaem como um *locus* privilegiado para uma criação em conjunto. Abarcando os tensionamentos daí decorrentes, percebemos a pouca abertura para afirmações que ressaltam o pensamento como uma prática que só se faz em companhia, indo na contramão das exigências de autoria e de criatividade individuais tão comuns atualmente. Essa modalidade relacional pode contemplar a criação de pensamentos que excedem o espaço estrito aos amigos – não se inscrevendo como uma “propriedade” de nenhum deles e se tornando, em alguns casos, uma propriedade coletiva ou mesmo da pólis, política.

Mesmo que essas relações geralmente sejam exercícios particulares, restritos aos amigos – íntimos –, elas fazem um apelo ao público e ao político, colocando-se entre o público e o privado. É importante destacar que Amar (2004) – historiador que pesquisou as particularidades da amizade na modernidade – indica que a divisão

das amizades entre uma prática particular e uma plural é uma característica inerente a essas relações e não uma peculiaridade moderna. Partimos, portanto, da concepção de que a amizade se coloca como um espaço de produção de pensamentos e mundos, um *locus* político, por permitir que as ações desestabilizem o dado (Arendt, 2013) e se abram para as construções próprias à interposição entre o eu e o outro (Primo, 2015).

Evidentemente, nem todas as relações de amizade se desdobram dessa forma. Todavia, destacamos a multiplicidade de correspondências que existem entre pensadores, escritores e cientistas, atestando a importância do diálogo com amigos nas suas produções. O estudo de correspondências, textos privilegiados para análises de amizades, indica a importância de investigá-las como elementos tensionadores do público e do privado: cartas “privadas” que influenciam, sobremaneira, os modos de pensar “públicos”.

No presente artigo, pretendemos destacar a dimensão criativa e de produção de pensamento envolvida na correspondência entre Freud e Fliess (1887-1904), num importante relacionamento para Freud, e fundamental nos primeiros anos de elaboração da teoria psicanalítica. Tal correspondência encontra-se registrada nas 284 cartas de Freud a Fliess, já que as cartas de Fliess nunca foram recuperadas. As missivas de Freud, resgatadas um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, discorrem principalmente sobre seu trabalho clínico e as questões daí decorrentes. Cabe colocar que esta troca epistolar se iniciou depois que Fliess, importante otorrinolaringologista de Berlim, indicou uma paciente para ser tratada por Freud, tema que inaugurou e se manteve ao longo de sua amizade, uma relação que sustentou os incômodos de uma produção clínica conjunta.

As cartas de Freud a Fliess: espaço de produção teórica

A clínica, sem sombra de dúvida, foi o principal tema sobre o qual Freud escreveu a Fliess. Essas reflexões interferiam não apenas em suas futuras publicações, mas, sobretudo, na forma como ele relatava seus atendimentos, como refletia sobre si e como contava sobre seus familiares. A elaboração de uma teoria que desse respaldo à prática clínica era feita em parceria: eles atendiam alguns pacientes conjuntamente e compartilhavam elucubrações teóricas inusuais para a época.

Os casos clínicos foram o mote de tal escrita, marcando o tom dessa correspondência: uma troca entre dois médicos, interessados por assuntos não habituais, na qual as reflexões sobre os pacientes e a vida cotidiana foram inscritas como casos. Em outras palavras, o espaço de criação dessa amizade foi permeado pela linguagem clínica. Analisaremos, portanto, esse conjunto de cartas seguindo os desdobramentos de seu viés clínico, por identificarmos que se trata de uma amizade permeada por essa linguagem, fato que criou uma zona de conurbação entre o trabalho clínico e a vivência desse relacionamento.

Outro aspecto a ser destacado é centralidade dessa relação na vida de Freud: Fliess acompanhava-o em todos os momentos. São inúmeros os relatos de Freud que exemplificam como a interlocução com esse amigo estava presente em seu cotidiano, como demonstra a passagem abaixo:

Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem: um relato sumário da $\Phi\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica, agora gradativamente maior. Carta de 23 de setembro de 1895. (Masson, 1986, p.40).

O trabalho clínico, portanto, era um amalgama entre a amizade, a produção teórica e as elucubrações sobre a clínica. Essa posição privilegiada fez de Fliess, aos olhos de Freud, seu interlocutor predileto:

Estou imensamente feliz por você me estar oferecendo a dádiva do Outro, do crítico leitor – e, ainda por cima, |um Outro| de sua categoria. Não consigo escrever inteiramente

sem platéia, mas não me importo nem um pouco em escrever só para você. Carta de 18 de maio de 1898. (Masson, 1986, p.314).

Desenha-se um crítico leitor que o autorizava como autor, um autor que se colocava – ou foi colocado – numa posição de estrangeiro na medicina, tendo um importante colega com quem contar: o amigo Fliess. O trabalho, escrito e inscrito nas cartas de Freud, elaborou-se tanto a partir das cogitações teóricas quanto das situações corriqueiras da clínica. O crítico leitor era, também, um querido amigo, o que constituiu uma amizade repleta de declarações de amor que sustentou a possibilidade de criação do campo epistemológico da psicanálise.

Desde as primeiras cartas, os elogios e a colocação de Fliess num importante lugar de interlocução eram evidentes, assim como a necessidade de um amigo para Freud. Este, por sua vez, narrava-se como estando isolado do meio científico, embotado pelo impedimento da discussão com seus pares, ou melhor, pela impossibilidade de ser levado a sério entre eles. Um problema vivido penosamente por ele, que o colocou numa posição de isolamento, na qual outros amigos e confidentes apareciam pouco.

O isolamento, entretanto, não provinha somente da não aceitação, por parte da comunidade médica, das teorias de Freud; vinha, igualmente, de sua posição crítica em relação ao que era desenvolvido na época. Nada melhor, portanto, do que um amigo que sustentasse o interesse por suas teorias e que, sobretudo, o reconhecesse como um grande pesquisador: “Seus elogios são néctar e ambrosia para mim, pois sei perfeitamente bem como lhe é difícil tecê-los – não, para ser mais correto, como você fala sério quando de fato os tece”. Carta de 14 de julho de 1894. (Masson, 1986, p.87).

O interesse de Fliess pelas teorias de Freud era fundamental para o seu trabalho intelectual, não apenas como um suporte para o nascimento de suas ideias, como também pela possibilidade de trocar seus pensamentos com alguém. Mais uma vez, um amigo, uma relação de amizade, aparece como essencial para a elaboração de um pensamento.

Como já dissemos, além de relevante para a produção acadêmica, essa relação não se desenvolveu somente pela possibilidade de uma fértil troca teórica, mas, igualmente, pela indicação de pacientes, ora encaminhados por

Fliess a Freud, ora por Freud a Fliess, ora atendidos conjuntamente:

Estou curioso em saber se você confirmará o diagnóstico dos casos que lhe encaminhei. Venho agora fazendo esse diagnóstico muito amiúde e concordo com você que o reflexo nasal é um dos distúrbios mais freqüentes (...). Também a ligação com a sexualidade está ficando cada vez mais estreita. Carta de 30 de maio de 1893. (Masson, 1986, p.49).

A produção científica em que estavam empenhados era responsável não apenas pelo interesse no trabalho conjunto, ela era responsável – ou responsabilizada – pelo anseio de encontros presenciais, pois estes “acendiam a chama dos interesses científicos” de Freud. Assim, Fliess era um amigo que o estimulava por elogios, pela confiança em suas descobertas e pela parceria no desenvolvimento de suas teorias:

A idéia de ambos estarmos engajados no mesmo tipo de trabalho é, sem sombra de dúvida, a mais aprazível que consigo conceber no momento. Observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimento secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Carta de 1º de janeiro de 1896. (Masson, 1986, p.160).

A amizade descrita por Freud condizia com uma experiência intensa de produção, na qual a escrita para o amigo era capaz de tornar os problemas esclarecidos, servir de inspiração para as ideias e os modos como olhar os pacientes, se olhar e olhar para os familiares. Era tão fértil o diálogo que as teorias se misturavam, de forma a não terem mais uma patente: “Espero que ele tenha tal extensão que aí possamos construir juntos algo de definitivo e, dessa forma, mesclar nossas contribuições a ponto de nossas propriedades individuais não mais serem reconhecíveis”. Carta de 17 de dezembro de 1896. (Masson, 1986, p.216).

A partir de 1892, cinco anos após ter sido iniciada a troca de correspondências, Freud começou a enviar, separadamente das cartas, rascunhos com suas elaborações teóricas. Os rascunhos têm uma grande importância para o estudo psicanalítico, pois muitas das ideias neles

presentes foram publicadas posteriormente em seus textos teóricos. Tomemos, por exemplo, o rascunho G – sem data definida, localizado, aproximadamente entre os anos de 1894/95 –, em que encontramos a seguinte reflexão: “(a) O afeto correspondente à melancolia é o do luto – em outras palavras, o anseio por alguma coisa perdida. Portanto, na melancolia, deve tratar-se de uma perda, ou seja, uma perda na vida instintiva” (Masson, 1986, p.99), uma ideia muito próxima daquela elaborada por Freud em 1917, no texto “Luto e melancolia”.

As cartas e o exercício de escrita cotidiano configuraram-se como o berço das teorias freudianas, uma construção possibilitada por sua interlocução com Fliess. Dito de outro modo, foram as reflexões endereçadas ao amigo que sustentaram os impasses do início da elaboração psicanalítica. No que tange à clínica de Freud, as cartas se mostram fundamentais, pois configuraram o momento do dia no qual as indagações a respeito das neuroses teriam um destino, não apenas para um amigo, mas, sobretudo, para um médico que compartilhava as preocupações de Freud.

A relação que se inaugurou a partir do diálogo sobre uma paciente – a “nossa paciente” –, temperada com muita admiração pelo outro, tornou-se a principal relação de Freud, intensamente investida de afetos e de “respostas” aos seus problemas científicos. Talvez o melhor não seria chamar o endereçamento a Fliess como uma busca de “respostas”, mas sim como uma forma de colocar em palavras as dúvidas que surgiam, de colocar em evidência assuntos que, de outra maneira, não teriam espaço. As indagações sobre os sonhos e seus significados, por exemplo, surgiram nessa correspondência, muito antes de 1900 (ano da publicação de *A interpretação dos sonhos*), intimamente associadas ao impacto do falecimento de seu pai, a partir do qual sua escrita se intensificou.

O intercâmbio livre de ideias era um acordo entre eles, cuja consequência foi a possibilidade de tanto incentivar e melhorar os trabalhos quanto de estremecer a amizade. Freud, em algumas cartas, escreve sobre sua dificuldade em criticar o trabalho do amigo, apontando que, para tanto, era necessário violentar-se primeiro para só depois conseguir arguir o manuscrito de Fliess. Em outras cartas, contudo, descreve

momentos de desacordo, nos quais as considerações eram sentidas como agressões.

É difícil compreender o que aconteceu para que ambos começassem a se distanciar, principalmente porque, como já indicamos, as cartas não compõem uma correspondência completa, visto que não apenas há cartas faltando, bem como não foram preservadas as cartas de Fliess.

Tendo isso em vista, o que podemos afirmar é que a partir de 1900 as cartas de Freud começam a ser mais espaçadas, com queixas da falta de resposta do amigo, menos conjecturas teóricas, menor investimento nessa amizade. A correspondência perdurou desse modo até o fim de 1902, quando surgem reclamações explícitas de Freud, embora não tão definitivas e claras, pois ainda indicavam pacientes um para o outro e, por vezes, trocavam algumas ideias.

É no ano de 1904 que Freud volta a escrever para Fliess para lhe sugerir uma publicação num periódico sobre sexualidade. Essas últimas cartas são as únicas em que há, também, as respostas de Fliess. Para a surpresa de Freud, Fliess o acusa de plágio, ou melhor, de ter fornecido as ideias da bissexualidade para um discípulo, que havia publicado um livro sem colocar Fliess como o inventor da ideia.

Dessa forma, se anos antes líamos:

A mim me parece que é assim: abracei literalmente sua ênfase na bissexualidade e considero essa sua idéia a mais significativa para minha matéria desde a da “defesa” (...) Parece-me que só faço objeção à entremeação da bissexualidade com a bilateralidade, exigida por você. Carta de 4 de janeiro de 1898. (Masson, 1986, p. 293).

Depois, leríamos a exigência de Fliess pela paternidade de tal ideia. Desde meados de 1896 é possível mapear a ideia de bissexualidade nas cartas de Freud, ora colocando-a como algo que o incomodava, ora sendo completamente incorporada nas explicações sobre as neuroses. Se por um lado pudemos acompanhar uma escrita repleta de ideias endereçadas ao outro, no fim isso será motivo da cobrança pela autoria das mesmas.

Por estar tão intrinsecamente alinhada ao campo do pensamento, que os outros escritos – rascunhos, diários clínicos, diários para os encontros, provas de livros – participavam dessas trocas, textos que, muitas vezes, exigiam críticas.

É interessante acompanhar como as críticas tiveram momentos distintos ao longo dessa correspondência. Embora importantes na construção desse espaço conjunto, oscilavam entre serem muito confiáveis ou um incômodo no interior da relação.

Importantes e mescladas com a desconfiança, já que vindas de alguém de quem se tem muito afeto, as críticas marcaram o fim dessa relação, tanto as de Fliess - que colocavam Freud como um “leitor de pensamento” - quanto as de Freud, que apontavam as “inconsistências nas elucubrações teóricas dos períodos”. Assim, aquilo que havia os unido, a saber, a possibilidade de ter um amigo-interlocutor, acabou por afastá-los, uma vez que esse interlocutor não correspondia mais às expectativas de ambos. Finalizamos esta breve leitura da correspondência de Freud a Fliess, enfatizando a importância do pensamento clínico no interior dessa amizade, pois ele foi o responsável pela união e separação de ambos.

Amizade e espaço entre: produção de pensamento

Se a alteridade pode ser uma marca fundamental das amizades, bem como daquilo que caracterizou a relação entre Freud e Fliess, é também condição da dimensão produtiva dessa prática, já que é pelo reconhecimento das diferenças - sejam elas de pontos de vista ou dos constrangimentos proporcionados pelo *outrem* -, que se abre um espaço entre o eu e o outro capaz de abarcar a construção daquilo que podemos chamar de comum: o mundo comum, a comunidade (Arendt, 2010).

A dimensão produtiva da amizade pode ser um eixo de leitura para discutirmos essa modalidade relacional enquanto uma prática com potências políticas, pois tal eixo agrega suas diferentes formas de vivência histórica e os registros freudianos de seu relacionamento com Fliess (Primo, 2015). Dito de outro modo, a diversidade de práticas que foram nomeadas como “amizade” ao longo da história e a análise das cartas de Freud atestam-nos como as experimentações dessa prática estão, muitas vezes, abertas a inscrições antes não possíveis, promovendo diferentes pensamentos e vivências.

Falar em amizade, portanto, congrega falar em produção de pensamento e de experimentações

relacionais, circunscrevendo uma prática que se coloca como uma condição necessária para a assunção de novas ideias. A articulação evidente entre a amizade e a alteridade implica um ato de pensar e assevera-a como um lugar privilegiado para o pensamento, como deixa explícito o termo *philo*¹ de (*philo*)*sophia*.

Na articulação entre a amizade e a produção de pensamento sublinhamos a dimensão política dessas relações, uma vez que compreendemos a política como a circulação da pluralidade que ocorre nos encontros públicos (Arendt, 2005). As amizades se destacam como relações que permitem o encontro com o outro, podendo promover o compartilhamento das diferenças. Ainda segundo Hannah Arendt (2013), as relações que preservam o *espaço entre* resguardam a *ação*, imprevista e disruptiva, responsável por desestabilizar o que se encontra dado, fato que promove construções e (re)construções.

Essa dimensão política enfatiza o espaço público como o *locus* privilegiado da *ação*, já que é na praça pública, analogamente a *ágora* grega, que as diferenças podem circular para conformar o *mundo comum*, cabendo ao âmbito privado proporcionar um local de descanso e proteção, mas não a afirmação das diferenças (Arendt, 2005). Segundo essa pensadora, a amizade é uma prática que faz apelo ao mundo público, permitindo o compartilhamento de ideias e concepções e a conformação de um espaço de fala e de *ação* (Arendt, 2010).

A pluralidade de práticas de amizade ao longo da história, bem como as diferenças e coincidências produzidas na amizade entre Freud e Fliess em relação aos discursos hegemônico de sua época atesta-nos como a amizade se produz enquanto uma prática pulsante, inscrevendo distintos modos de pensamento e de práticas-amizade que se localizam no tensionamento entre o âmbito público e o privado, isto é, entre os discursos que a localizam enquanto uma prática determinada e a criação que se faz na vivência corriqueira.

Esse tensionamento leva à elaboração de experimentações e pensamentos, que, por sua vez, garantem o apelo político das amizades. Muitos filósofos reclamam a pertinência da amizade enquanto um lugar de resistência política e de

produção de pensamento. Igualmente, concebemos que os movimentos identificados a partir dos questionamentos e peculiaridades que a amizade de Freud e Fliess colocou para sua época enfatizam-na como um *locus* privilegiado para a vivência da alteridade e das consequências em se afirmar como uma prática em que o outro estava presente.

De outro modo, mas também afirmativo da amizade e dos tensionamentos entre o público e o íntimo, identificamos na relação de Freud e Fliess a criação de uma disciplina modificadora da forma de se conceber a relação entre o eu e o outro. Sem desconsiderar o contexto em que esse relacionamento se inscreveu, enfatizamos as potências de resistência que ele abarcou, por sustentar as indagações necessárias para recolocar o modo de se conceber a histeria e, ao mesmo tempo, por sublinhar as vicissitudes do outro na formação psíquica.

Acompanhamos uma amizade escrita intimamente que se colocou como um assunto público, não apenas pela publicação das cartas, mas sobretudo pela criação de um *mundo comum* entre esses amigos, que se configurou como uma das condições de possibilidade da elaboração da psicanálise. Evidentemente, não foi apenas a amizade com Fliess a responsável pela criação dessa disciplina, mas o *espaço entre* eles, bem como entre todos os interlocutores de Freud, que possibilitou uma produção que envolveu o constrangimento do *outrem*.

O fato de essa amizade ter sido temporária em nada desmerece nossa hipótese, mas lança luz na dimensão tensa da relação com a alteridade, isto é, a atitude de sustentar as diferenças pode tender a ser contornada pelo amálgama de uma relação amorosa ou rompida pelos seus constrangimentos. Independentemente do desfecho dessa relação, o seu produto – a psicanálise – manteve-se vivo, com outros interlocutores.

Considerações Finais

Afirmamos a amizade como uma metáfora da *ágora* grega, não por ser uma prática necessariamente pública, mas por localizar uma tensão que permite a circulação da palavra e da diferença, escancarando a condição da presença do outro para o pensamento, na qual as fronteiras da autoria se dissolvem. São nos tensionamentos

¹ Termo grego que precedeu *philia*, amizade.

gerados pelo outro, nesse falar sobre o mundo de diferentes pontos de vista (Arendt, 2010), que se cria aquilo a respeito do que se fala.

A amizade assim considerada congrega a construção de um comum, portanto de uma dimensão política, já que se constitui através desse falar sobre o mundo, que pode construí-lo e modificá-lo. O comum é político na medida em que ele se cria pelas relações, podendo ser concebido como um vazio que só toma forma nos encontros. Essa conceptualização do comum como o vazio é uma proposição do psicanalista Jorge Alemán (2013), que o coloca como uma indagação psicanalítica à política. Dito de outro modo, para Alemán (2013) a psicanálise coloca a importância do vazio como um espaço que possibilita a criação: o comum, a comunidade, são tentativas de fazer algo com esse vazio. Como um contraponto à política identitária, que recusa o vazio, Alemán (2013) localiza a amizade, a arte e o amor, como formas sociais e políticas de construções que consideram o vazio.

Do vazio sobre o qual se fala, daquele que pode circular entre os amigos, compreendemos a potência política da amizade, sempre presente, mas nem sempre exercida. Fazer algo com o vazio não é apenas uma frase enigmática, é uma forma de circunscrever os mistérios que se colocam entre

o eu e outro, contemplando as tensões que ele carrega, por não ser apenas um lócus propício à criação, mas também um lócus constrangedor, em que por vezes sentimos que a alteridade é invasiva.

Se, por um lado, as indagações da alteridade nos permitem criar com elas, produzindo pensamento exatamente no acirramento das fronteiras, por outro lado acreditamos que isso não se dá sem um mal-estar, haja vista o modo em que Freud e Fliess romperam sua amizade: pela denúncia de plágio. Se a alteridade é uma condição para a produção de ideias - só pensamos juntos - isso vem acompanhado de uma constante tensão.

A amizade de Freud e Fliess, nesse sentido, deixa ver os meandros de se produzir com alguém. Frase propositalmente ambígua – já que se produzir com alguém, abarca tanto o sentido de produzir a si, quanto de produzir algo - e esclarecedora das potências de poder indagar e vivenciar os questionamentos proporcionados pelo outro: um amigo. Finalizamos afirmando que as amizades constroem, num só tempo, um espaço político e a produção de pensamentos que as excede.

Referências

- Alemán, J. (2013). Sujeto, política: Común. In J. Alemán, *Conjeturas sobre una izquierda lacaniana* (pp. 13-41). Buenos Aires: Grama ediciones.
- Arendt, H. (2005). As esferas pública e privada. In H. Arendt, *A condição humana* (pp. 31-88). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2010). *A promessa da política* (P. Jorgensen Jr., Trad.). J. Kohn, (Org.). Rio de Janeiro: Difel.
- _____. (2013). *Sobre a violência* (A. Duarte, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Aymard, M. (2004). Amizade e convivialidade. In P. Ariès & G. Duby (Orgs.). *História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes* (pp. 455-499). São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Masson, J. M. (Org.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Primo, J. S. (2015). *Amizade, espaço de pensamento e alteridade: uma análise das cartas de Freud a Fliess*. Dissertação de mestrado, Programa de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Rosa, M. D., Vicentin, M. C. & Catroli, V. S. C. (2009). Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. *Psicologia em Revista*, 15(1). Recuperado em 12 de Abril de 2013, *Clínica & Cultura v.6, n.1, jan-jun, 2017, 41-47*

do SCIELO (Scientific Eletronic Online):

<http://scielo.com.br>.

Submetido em: 02/03/2018

Aceito em: 07/05/2018